

PSTU – SBC

UMA ALTERNATIVA OPERÁRIA, NEGRA, REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA SÃO BERNARDO DO CAMPO – ELEIÇÕES MUNICIPAIS 2020

Essas eleições municipais em 2020 já estão em pauta. A militância, filiados e apoiadores do PSTU apresentará uma chapa para concorrer ao pleito. Em primeiro lugar, para que nossa campanha seja um ponto de apoio para as lutas e a organização da classe operária, dos trabalhadores, da juventude e do povo pobre, dos bairros populares e da periferia. Vamos juntos construir um quilombo socialista contra a exploração, o desemprego, o racismo, a LGBTfobia, o machismo, a xenofobia. Em defesa da vida digna, do emprego, do salário, da educação e saúde públicas e gratuitas, da moradia, do saneamento básico para todos e do transporte público de qualidade.

Queremos construir uma alternativa socialista e revolucionária para superar essa situação que o capitalismo tem nos jogado. É indignante que, para manter o lucro de um punhado de bilionários acima da vida, a classe trabalhadora esteja sendo enviada ao matadouro na pandemia, ainda mais depois da total flexibilização. Bolsonaro implementa um genocídio, em particular entre as mulheres, negros e pobres das periferias nas cidades, junto com governadores, prefeitos e vereadores. Eles não se preocupam, porque as vidas interrompidas são da classe trabalhadora. Em São Bernardo, por exemplo, os vereadores gastaram até agora mais dinheiro público para manter seus privilégios do que para combater a COVID19. Isso é um absurdo e tem que acabar!

Apesar da reabertura e quebra da quarentena, a economia continua em crise, com fechamento de fábricas em SBC como a FORD e a KOSTAL, aumentando a precarização e instabilidade daqueles que resistem nos seus empregos. Exemplo disso são os planos de demissão em massa como na Mercedes-Benz e Volkswagen e rebaixamento de salários. Querem passar a boiada, reduzir ainda mais o valor do Auxílio emergencial e reabrir as escolas. Aumentam a violência e opressão para nos calar e superexplorar. Por isso é necessário apresentar uma saída diferente de todas que estão aí.

Chega dos mesmos, das velhas promessas e das alianças com a burguesia e os patrões, tanto do PSDB, como do PT e até do PSOL. Chega desse rodízio entre PSDB e PT na cadeira do Paço Municipal, pois no fim das contas eles governam para os mesmos grupos econômicos.

Queremos construir um programa que se coloque pelo fortalecimento das lutas dos trabalhadores, operários, negros, mulheres, de todo o povo pobre e oprimido. Por fora Bolsonaro, Mourão e sua trupe genocida. Defender a vida, a saúde o isolamento social, o emprego, salário e renda.

Mas para isso ser possível, precisamos tomar medidas que afetem diretamente os interesses dos ricos e bilionários. É preciso que os trabalhadores decidam os rumos da cidade, governando por meio dos Conselhos Populares, com total independência dos interesses dos de 'cima'. Diferente do que propõem as alternativas diretamente desses senhores, ou as alternativas reformistas de conciliação de classes, como o PT, PCdoB e PSOL. Estes partidos não podem deter a catástrofe social e sanitária porque querem conciliar com os grandes empresários.

Unificar as lutas e construir Conselhos Operários e Populares Deliberativos

Nós queremos apresentar propostas emergenciais e uma saída operária e socialista para a crise, fazendo com que os ricos paguem por ela. Hoje, os donos das fábricas, dos bancos, das construtoras, das grandes redes de supermercados são os donos das cidades e do poder. Nós queremos a cidade nas mãos dos operários, trabalhadores e do povo pobre. Por isso defendemos um governo socialista dos trabalhadores. São Bernardo do Campo deve ser controlado por Conselhos Operários e Populares, organizados nos bairros, nas periferias, nos locais de trabalho, na educação, na saúde. Que sejam os trabalhadores a decidir as prioridades, direcionar 100% do orçamento público e fiscalizar sua aplicação.

A Câmara Municipal e a Prefeitura devem se submeter aos Conselhos Operários e Populares. Todo político e representante desses Conselhos devem ter mandato revogável, ganhar um salário igual ao de um operário ou uma professora e prestar contas de sua atuação.

Independência de classe não tem preço

Sempre tivemos como princípio não receber dinheiro de empresas e dos ricos, porque sabemos que quem paga a banda escolhe a música. Por isso, o PSTU é o único partido que nunca esteve nas listas e escândalos das empreiteiras e da Lava Jato.

Nós fazemos questão de ser financiados pela classe trabalhadora e pelo povo pobre. As eleições são uma disputa de cartas marcadas, são antidemocráticas. Um partido como o PSTU não tem tempo na televisão e não é convidado para participar de debates, enquanto os grandes partidos têm todo tempo do mundo e rios de dinheiro de empresários e corruptos.

Não vamos mudar pra valer a cidade ou o país com as eleições e sim com a luta unificada dos trabalhadores. No entanto, eleger revolucionários e socialistas do PSTU fortalece a luta dos trabalhadores.

Vamos lutar para colocar a cidade ao serviço da classe trabalhadora, da juventude, do povo pobre das periferias, dos negros, LGBTs e mulheres da classe trabalhadora em tudo que temos direito. Uma gestão socialista também fará das cidades um ponto de apoio na luta para mudar o Brasil e o mundo, para acabar com a exploração e com o sistema capitalista. Uma trincheira na luta por uma sociedade socialista, onde a produção não esteja ao serviço do lucro de um punhado de bilionários e da exploração e da miséria de milhões, mas sim a serviço das necessidades da maioria do povo pobre e trabalhador, para acabar de fato com a desigualdade social.

Cada voto no PSTU, no 16, vai ser útil para fortalecer o projeto revolucionário e socialista e a luta da classe trabalhadora, do povo pobre, dos negros, das mulheres e LGBTs para mudar de verdade tudo isso que está aí. Fora Bolsonaro, Mourão e Guedes e todos que governam para os ricos e corruptos.

Um programa emergencial deve tirar dos ricos

Como se não bastasse a desigualdade de antes, teve gente que ficou ainda mais rica com a pandemia no Brasil e no mundo. Em 2019, o 1% mais rico do país ganhava R\$ 29 mil mensais, enquanto os 5% mais pobres recebiam R\$ 165 por mês. No entanto, se taxarmos as grandes fortunas em 40%, é possível garantir o auxílio emergencial, inclusive ampliá-lo. Mas essa medida não diminuiria a desigualdade no país. Sem acabar com o desemprego e aumentar os salários dos trabalhadores não se pode acabar com a miséria e a fome. As medidas emergenciais de

auxílio devem ser medidas de emergência enquanto não se ataca o problema de fundo. Não confundimos a emergência com a chamada transferência de renda para combater a desigualdade social, porque mesmo com o auxílio emergencial ela seguirá se aprofundando.

Taxar os bilionários para garantir auxílio emergencial

R\$ 812 bilhões: Fortuna acumulada pelos 42 bilionários no Brasil

R\$ 250 bilhões: O que o governo já gastou com auxílio emergencial

R\$ 325 bilhões: O que seria arrecadado com um imposto especial de 40% sobre as fortunas dos bilionários

Medidas necessárias para acabar com a desigualdade social

Ao mesmo tempo em que a mortalidade entre os trabalhadores aumenta durante a pandemia, alguns bilionários ficam mais bilionários, e isso não ocorre somente no Brasil. Antes da pandemia a fortuna de Jeff Bezos, maior acionista da Amazon, era de US\$ 114 bilhões. Em agosto deste ano, alcançou US\$ 200 bilhões. À custa da morte de milhares de pessoas, tornou-se o primeiro capitalista a acumular tanto dinheiro. Isso não tem nada a ver com o vírus: é o sistema capitalista que aumenta as desigualdades no interior dos países e entre os países.

Até mesmo os que não reconhecem que o sistema produz desigualdades, os chamados liberais, como Paulo Guedes, aceitam que algum mecanismo de correção é necessário, desde que estes auxílios aumentem suas fortunas. Entre os que defendem o capitalismo, há os que dizem que o sistema produz desigualdades sociais. Para eles o Estado capitalista deve corrigir essas desigualdades. É o caso de partidos como o PT e o PSOL.

Retrato da desigualdade no capitalismo

US\$ 200 bilhões: É a fortuna de Jeff Bezos (dono do Amazon)

US\$ 7,25 por hora: É o salário dos trabalhadores estadunidenses

US\$ 19,9 bilhões: É a fortuna de Joseph Safra, a pessoa mais rica do Brasil

US\$ 193,8: É o salário mínimo dos trabalhadores brasileiros (R\$ 1.045)

SALÁRIOS, LUCROS, RENDA E IMPOSTOS: Qual a forma de acabar com a pobreza?

Ao mesmo tempo em que a mortalidade entre os trabalhadores aumenta durante a pandemia, alguns bilionários ficam mais bilionários, e isso não ocorre somente no Brasil. Antes da pandemia a fortuna de Jeff Bezos, maior acionista da Amazon, era de US\$ 114 bilhões. Em agosto deste ano, alcançou US\$ 200 bilhões. À custa da morte de milhares de pessoas, tornou-se o primeiro capitalista a acumular tanto dinheiro. Isso não tem nada a ver com o vírus: é o sistema capitalista que aumenta as desigualdades no interior dos países e entre os países.

Até mesmo os que não reconhecem que o sistema produz desigualdades, os chamados liberais, como Paulo Guedes, aceitam que algum mecanismo de correção é necessário, desde que estes auxílios aumentem suas fortunas. Entre os que defendem o capitalismo, há os que

dizem que o sistema produz desigualdades sociais. Para eles o Estado capitalista deve corrigir essas desigualdades. É o caso de partidos como o PT e o PSOL.

Um sistema incorrigível

O aumento das desigualdades é o resultado inevitável de um sistema no qual não basta produzir lucros. O aumento permanente do lucro, sua acumulação pelos acionistas, isso é o que importa. Por isso, a desigualdade no interior dos países – ricos cada vez mais ricos, trabalhadores cada vez mais pobres – e o aumento da distância entre países ricos e pobres, fruto da dominação imperialista, tende a crescer, ainda mais em tempos de crise.

A diferença entre os países é dada pela capacidade da classe dominante de acumular lucros. A desigualdade social nos Estados Unidos aumenta. Porém, no sistema capitalista brasileiro, mesmo antes da crise, a acumulação dos lucros é apoiada num desemprego e subemprego da força de trabalho que força o conjunto dos salários para baixo.

A desigualdade aqui é sinônimo de miséria. Mesmo que se pagasse o salário mínimo do Dieese, que em janeiro deste ano seria de R\$ 4.342, seríamos um país desigual – mas bem menos desigual. A desigualdade no Brasil, uma das maiores do mundo, é resultado do desemprego, do subemprego e dos baixos salários.

Agora vivemos uma catástrofe social pelo aumento do desemprego e pela dificuldade de ganhar o pão no subemprego por conta da pandemia. Defendemos que, diante da catástrofe social da crise capitalista, o auxílio emergencial ou qualquer outro nome que possa ter se mantenha para que a fome e a degradação humana não se aprofundem e que os recursos para isso sejam arrancados das grandes fortunas.

Porém não confundimos a emergência com a chamada transferência de renda para combater a desigualdade social, porque mesmo com o auxílio emergencial ela seguirá se aprofundando.

A utilização do termo “renda” quando nos referimos à desigualdade social confunde mais do que explica a natureza da desigualdade e as propostas para diminuí-la pelo sistema de impostos. A renda é a remuneração de uma coisa que rende algo. Supondo que o lucro fosse chamado de renda, ele somente existe para os que detêm capital e exploram uma força de trabalho.

A renda dos trabalhadores seria então fruto da posse da capacidade de trabalho que, por isso, recebem não uma renda, mas um salário. Logo, existem as rendas dos aluguéis, das terras etc. Os lucros no Brasil pagam zero de impostos. E o mal chamado Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) cobra o mesmo percentual de alguém cuja renda vem do lucro e que de outro que vive de salário.

Além disso, mais de 50% dos impostos arrecadados são indiretos, pagos pelos que compram feijão, arroz etc. Esse sistema tributário é uma distorção do próprio sistema burguês de arrecadação de impostos: uma transferência líquida dos que vivem de salários para os que acumulam lucros. Corrigi-lo é sem dúvida uma necessidade. Mas não teria qualquer impacto sobre os salários que os trabalhadores recebem, tampouco sobre o grande desemprego que puxa os salários para baixo.

Quando o PT fez o Bolsa Família sem mexer no sistema tributário, transferiu uma parte do que o Estado arrecada dos impostos dos salários da maioria dos trabalhadores para os que nada ganham, mantendo intocado o lucro de grandes empresários e banqueiros. Guedes quer fazer ainda pior, transformar o auxílio aos que nada têm num negócio lucrativo para seus amigos. Um

país no qual não mais que cem grandes empresas, que empregam cerca de dois milhões de trabalhadores, são responsáveis por 51% de tudo o que o país produz e comercializa, nunca garantirá emprego e salário para a maioria da força de trabalho.

Querem que o Brasil volte a ser uma colônia

O capitalismo brasileiro se converteu em fornecedor de minério de ferro, soja e milho, principalmente para o mercado mundial, controlado pelas multinacionais que ganham bilhões de dólares. Contudo, 80% da população vive nas cidades, e este modelo de acumulação de lucros condena a maioria da população à miséria.

Os bilionários brasileiros estão se lixando, porque esse modelo os torna mais ricos. Antes, os reformistas procuravam burgueses que podiam ser seus aliados para industrializar e expandir o capitalismo no Brasil. Não encontraram, então o PT preferiu governar aceitando e aprofundando a dominação imperialista. Bolsonaro e Guedes tampouco querem mudar algo. Ao contrário, querem aumentar os lucros arrochando ainda mais os salários e cortando direitos, dizendo que isso vai gerar empregos.

Sem uma forte luta contra a grande burguesia brasileira é impossível romper com o modelo que nos condena à catástrofe social, sem construir uma alternativa socialista, um governo socialista dos trabalhadores.

Em defesa da vida, do emprego, do salário, da moradia, da renda, dos direitos e da soberania

Já passamos de 120 mil mortos pela COVID-19 e seguimos perto de mil mortos por dia, em números subnotificados. Junto com as mortes, temos a explosão do desemprego, a queda de 15% na renda do trabalhador, a redução e o fim do auxílio emergencial. Enquanto os trabalhadores com carteira e os pequenos proprietários têm seus direitos ameaçados, os super-ricos são preservados.

O agronegócio, por sua vez, dominado por multinacionais, é todo voltado para a exportação, emprega pouca gente e encarece o preço dos alimentos dentro do país. Junto com isso, o governo entrega ainda mais as empresas e as riquezas do país a multinacionais e bancos internacionais. A razão da heroica greve dos trabalhadores dos Correios demonstra isso. O governo e a empresa querem tirar 79 cláusulas do Acordo Coletivo dos carteiros, categoria com menor salário dentre as estatais. Também querem desmontar e privatizar uma das empresas mais necessárias, eficientes e lucrativas do país.

Ainda assim, Bolsonaro quer posar de bonzinho. Visando 2022, tenta mostrar que o desemprego é resultado do isolamento social, que as mortes pelo coronavírus são inevitáveis e que é muito dinheiro para o Estado pagar em auxílio. Apresentamos um programa de emergência para garantir emprego, salário, renda, saúde, moradia e saneamento no rumo de acabar com a fome e as desigualdades sociais e desenvolver o país, mostrando que precisamos de uma alternativa socialista e revolucionária.

Fim do auxílio deixa milhões ao léu e queda na renda dispara o preço dos alimentos

Bolsonaro reduz auxílio de R\$ 600 para R\$ 300

15,4% de queda na massa salarial entre fevereiro e junho

3,8% a queda na renda média dos trabalhadores

Contra o racismo, um programa de raça e classe

A pandemia e a recessão afetam qualitativamente mais os trabalhadores e os pobres. E, dentre eles, ainda mais aos setores oprimidos. Os governos estimulam o racismo, a xenofobia, o machismo, a LGTBfobia para dividir os trabalhadores e trabalhadoras, para jogar nativos contra imigrantes, homens contra mulheres, brancos contra negros.

São os negros, os imigrantes os que são mais expostos porque trabalham nas fábricas e nos setores essenciais que não param. É preciso unir os trabalhadores nas lutas contra todo tipo de opressão. Não se pode avançar na unidade dos trabalhadores se não se luta contra as opressões que dividem os trabalhadores.

Para lutar contra a opressão é necessário lutar contra o capitalismo que utiliza as opressões para manter sua dominação e superexplorar os oprimidos. Para isso é necessário lutar também contra as direções reformistas que defendem estratégias capitalistas. Por um lado, apostam no empoderamento por dentro do capitalismo, uma perspectiva equivocada, mais ainda com a recessão. Por outro lado, também dividem os trabalhadores brancos e negros, entre mulheres e homens, impedindo uma luta comum contra o racismo e o machismo. A participação da juventude branca na luta contra o racismo nos EUA é um exemplo mundial a ser seguido.

É preciso defender o fim da repressão policial e do assassinato dos negros! Reorganização das polícias com critérios democráticos, com eleição de todos os oficiais!

Salário igual para trabalho igual! Mulheres e homens, negros e brancos devem ter o mesmo salário para o mesmo trabalho.

Pelo direito dos imigrantes a legalização e asilo sem restrições e a terem salários iguais aos dos trabalhadores nativos, assim como aposentadorias.

Pelo direito a saúde, habitação e comida para todos os migrantes. Pelo fim das deportações e as legislações restritivas migratórias. Pelo direito à nacionalidade pelo local de nascimento, para que ninguém seja imigrante no seu próprio país. Documentação e subsídios para todos os imigrantes desempregados.

Contra a violência sobre as mulheres! Em defesa dos direitos das LGBTs!

A pandemia e as medidas de quarentena trouxeram o aumento da violência machista nas casas, assim como os feminicídios e as violações. Nenhuma discriminação raça, nacionalidade ou orientação sexual na assistência médica. As vidas de todas importam!

Salários iguais para trabalho igual. Oportunidades iguais! Abaixo o rebaixamento salarial e de tipos de trabalho para as mulheres!

Pelo fim da violência contra as mulheres! Direito ao aborto legal, seguro e gratuito em todo o mundo. Cotas trabalhistas e oportunidades de emprego para toda comunidade LGBTI.

Desmantelamento das redes de escravização sexual de mulheres e prisão a todos os traficantes! Contra a perseguição policial as prostitutas.

A quarentena não deve aumentar a jornada diária das mulheres. Redução das horas de trabalho sem redução salarial para todas trabalhadoras com filhos, incluídas as que trabalhem em home office.

Aumento dos orçamentos para as políticas de proteção das mulheres, com as linhas de atenção e casas de refúgio contra a violência. Aumento dos orçamentos para defesa da infância, contra a violência intrafamiliar no confinamento.

Abaixo a violência e a LGBTfobia. Direito imediato e universal à identidade.

OS RICOS DEVEM FINANCIAR ESTAS MEDIDAS – NOSSAS PROPOSTAS

Emprego para todos

Redução da jornada de trabalho sem redução do salário

Ao invés de liberar as demissões ou reduzir jornada e salário, o governo deveria decretar estabilidade no emprego e reduzir a jornada de trabalho para 30 horas semanais.

Plano de obras e serviços públicos para gerar emprego e garantir vida digna

Construção de casas para todos e universalização do saneamento básico. Construção de hospitais, escolas, creches e rede de educação infantil, limpeza urbana, infraestrutura urbana em todas as favelas e bairros periféricos do país. Infraestrutura digital para todos e expansão da rede de trens e metrô públicos para todos os bairros. Obras e serviços que empreguem milhões de trabalhadores em todo o Brasil, sendo reservadas 70% das vagas para mulheres e negros.

Fim da terceirização e da precarização do trabalho

Revogação das reformas trabalhista e da Previdência e da lei das terceirizações. Não à uberização do trabalho. Contratação de todos os trabalhadores de aplicativos pelas empresas (Uber, iFood, Rappi etc.), com carteira assinada e todos os direitos trabalhistas garantidos. Programa financiado pela totalidade do lucro líquido dos aplicativos no Brasil, que não seria remetido ao exterior por dez anos. Caso as empresas se recusem a isso, o Estado encampará as operações das empresas, estatizando-as e colocando-as sob controle dos trabalhadores.

Saúde para todos! Ampliação geral do SUS e estatização dos hospitais e dos serviços de saúde privados

Para garantir estes investimentos e a ampliação do serviço de saúde pública, propomos a estatização de toda a rede privada, a encampação de todos os hospitais e equipamentos, com a contratação de todos os profissionais da área pelo Estado.

Alimentos para todos! Abertura de restaurantes populares

Que sirvam refeições a R\$ 1 em todas as cidades do Brasil, utilizando a agricultura familiar, cujas famílias serão cadastradas e organizadas em cooperativas estatais, num amplo plano nacional de reforma agrária. Estatização das grandes redes de supermercados estrangeiros, garantindo a distribuição de alimentos de qualidade a preços acessíveis à população.

Em defesa da vida

Quarentena para valer, com emprego e renda. É preciso exigir quarentena geral já, com emprego e renda para todos a fim de evitar mais mortes até que haja uma vacina.

Manutenção do auxílio emergencial de R\$ 600, que já é insuficiente para garantir a sobrevivência dos desempregados e informais, até que a pandemia passe.

Os ricos é que devem pagar pela crise

O governo e toda a patronal fazem um escândalo dizendo que os empresários não podem fechar suas empresas para acabar com os problemas dos pobres da sociedade. Esse argumento é falso do começo ao fim. Estamos propondo requisitar apenas 50% do lucro líquido das 500 maiores empresas do Brasil e dos 50 maiores bancos e seguradoras do país. Isso significa que os grandes empresários continuarão ganhando muito dinheiro com 50% dos seus lucros preservados.

Desenvolver o Brasil e romper com a dominação colonial capitalista

O Brasil está dominado pelo capital internacional, isto é, não temos a soberania sobre nossa economia. Cerca de 60% da nossa economia está dominada pelas multinacionais. Portanto, é um mito que o Brasil é um país independente e dono do seu próprio nariz. As 100 maiores empresas multinacionais instaladas no país empregavam, em 2016, apenas 2 milhões de trabalhadores dos 46 milhões de trabalhadores formais do Brasil.

Toda a indústria de base do Brasil foi privatizada e desnacionalizada: mineração, siderurgia, petroquímica, energia, telefonia, aeroespacial etc. A dominação imperialista sobre a economia brasileira está atrasando o desenvolvimento do país. Em vez de desenvolver a indústria de ponta estamos voltando à economia colonial exportadora de produtos primários e energia.

Para evitar a destruição do Brasil e garantir o desenvolvimento econômico do país e a melhoria substancial do nível de vida dos trabalhadores e pobres do país, apresentamos quatro propostas fundamentais para reordenar toda a economia brasileira. O governo e toda a patronal fazem um escândalo dizendo que os empresários não podem fechar suas empresas para acabar com os problemas dos pobres da sociedade. Esse argumento é falso do começo ao fim.

Estamos propondo requisitar apenas 50% do lucro líquido das 500 maiores empresas do Brasil e dos 50 maiores bancos e seguradoras do país. Isso significa que os grandes empresários continuarão ganhando muito dinheiro com 50% dos seus lucros preservados.

Quatro propostas fundamentais para reordenar toda a economia brasileira

Anulação de todas as privatizações realizadas desde 1990

Suspender e anular todas as privatizações e os atos de desmonte da Petrobras realizados desde 1997, que recrudescer após 2014 e deu um salto com Bolsonaro. Estabelecer o controle de cada empresa por comitês compostos pelos próprios trabalhadores e organizações de usuários.

Suspensão por dez anos das remessas de lucro das multinacionais

Entre 2010 e 2018, as multinacionais instaladas no Brasil enviaram R\$ 1,1 trilhão para fora, muito mais do que investiram na economia e no povo brasileiro.

Estatização do sistema financeiro e formação de um banco estatal único que financie a reconstrução econômica e social do país

A estatização do sistema financeiro deve ser associada à suspensão do pagamento da dívida interna e externa, para gerar recursos para a reorganização do país do ponto de vista da classe trabalhadora.

Imposto progressivo sobre grandes fortunas, patrimônio e dividendos

Apenas taxando em 40% as fortunas dos bilionários, daria para arrecadar mais do que o governo já pagou no auxílio emergencial este ano.

Em defesa do meio ambiente

Os governos fazem avançar a devastação do meio ambiente. O Pantanal é ameaçado pelas queimadas enquanto a Amazônia tem aumento de 68% no desmatamento. A resposta do governo é a mesma: perseguição aos servidores do Ibama, do Inpe e de demais órgãos que possam ir contra os interesses dos madeireiros, pecuaristas e latifundiários.

As queimadas são a consequência de um conjunto de políticas que vem sendo implementado desde governos anteriores, incluindo os petistas, mas que foram criminosamente intensificadas no atual governo. Regularização de terras griladas e construção de megaempreendimentos (como as hidrelétricas) vêm sendo impostas à região há muito tempo, mas particularmente retomadas desde os anos 2000.

O objetivo é ampliar o domínio do latifúndio e impedir novas demarcações de terras indígenas, de reforma agrária e de preservação ambiental. Em verdade é mais que isso: busca-se reverter essas demarcações, reduzindo as áreas e impondo a presença do agronegócio e da mineração sobre essas terras.

O avanço do capital sobre nossa natureza é grande, mas também cresce a resistência. Os índios Munduruku e de outras etnias fazem a autodemarcação de seus territórios. Os quilombolas impulsionam um forte processo de retomada de seus territórios. Ribeirinhos resistem à construção de portos e outros empreendimentos. Movimentos em defesa da educação no campo, da reforma agrária e de uma agricultura ecologicamente não agressiva se disseminam na Amazônia. Assentados enfrentam madeireiros. Há muito mais. São processos de resistência. Não são fáceis e nem sempre vitoriosos, mas eles existem e crescem. Não existe outro caminho que não seja a organização popular e a luta.

A defesa do meio ambiente deve ser uma tarefa dos trabalhadores e de suas entidades representativas. Ela envolve ações para o presente e para o futuro. O capitalismo é predatório por sua natureza. Não existe possibilidade de desenvolvimento sustentável dentro dele.

O processo de acumulação ampliada de capital impõe uma apropriação cada vez mais voraz da natureza para transformá-la em mercadoria, em lucro. Isso compromete nosso futuro. A defesa consequente do meio ambiente deve ser feita conjuntamente com a luta contra a exploração capitalista e pelo estabelecimento do socialismo. É uma tarefa civilizatória e urgente.

Uma alternativa revolucionária e socialista diante da barbárie do capitalismo

Os ricos e poderosos seguem atacando a classe trabalhadora, porém, não fazem isso sem resistência e luta. O ascenso de massas revolucionário após o assassinato de George Floyd trouxe os EUA para o primeiro plano da luta de classes mundial. Não foi simplesmente uma revolta conjuntural e episódica. Foi a primeira vez em décadas que as massas passaram à ofensiva e a burguesia branca mais poderosa do mundo ficou na defensiva.

No Brasil depois da pandemia entraram em cena os pênaltos, greve dos trabalhadores de aplicativos, manifestações contra o racismo. Recentemente os trabalhadores dos Correios travam uma luta heróica de uma categoria superexplorada que enfrenta uma campanha de calúnia por parte do governo e do conjunto da imprensa, mas que se mantém firme e coloca em

pauta a defesa de uma estatal estratégica para o país. Os trabalhadores da Embraer também fazem em greve contra 2.500 demissões.

Já os petroleiros, outro batalhão pesado da classe trabalhadora, estão em campanha salarial e lutam contra as mesmas retiradas de direitos por parte da estatal, seguidista da política privatista de Bolsonaro. É fundamental cercar de solidariedade essas lutas, batalhando pela unificação dessas mobilizações contra a política de entrega, destruição e semiescravidão do governo Bolsonaro.

A oposição parlamentar, como o PT e o PCdoB, não só não se lançam a fundo no apoio a essas lutas nem confrontam diretamente os planos do governo, como reproduzem nos estados que governam a mesma política de Bolsonaro e Paulo Guedes. O PCdoB chegou a votar no Congresso Nacional pela isenção aos pastores milionários.

Já o PSOL defende um programa que não vai para além de governar o capitalismo, reeditando um projeto de conciliação de classes, com uma fraseologia mais à esquerda em alguns lugares, mas que não coloca como objetivo o socialismo.

Por isso a importância de uma alternativa revolucionária e socialista nestas eleições, que coloque de forma aberta que não há saída para a classe trabalhadora e para o povo pobre dentro deste sistema. O capitalismo só nos reserva desemprego, fome e miséria, como estamos vendo com a pandemia. Para mudar de fato, a classe trabalhadora, os negros, os jovens, as mulheres, as LGBTQs, os indígenas e todos os setores explorados e oprimidos devem organizar-se para derrubar esse sistema e construir um governo seu, que funcione por meio de conselhos populares.

É a esse objetivo que estão voltadas as pré-candidaturas do PSTU e o nosso programa. Queremos disputar a consciência da classe em defesa de um projeto socialista, e não deixá-la refém de alternativas da burguesia ou da conciliação de classes, cujos efeitos nefastos estamos sentindo. Para essa tarefa convidamos o conjunto do ativismo.